



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

MARIANA BISPO DE JESUS

ALUNOS E PROFESSORES EM SALA DE AULA:
UM ESTUDO SOBRE FATORES QUE INTERFEREM NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL

SÃO CRISTÓVÃO

2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

MARIANA BISPO DE JESUS

**ALUNOS E PROFESSORES EM SALA DE AULA:
UM ESTUDO SOBRE FATORES QUE INTERFEREM NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL**

Monografia de conclusão de curso, apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Sônia Meire Santos Azevedo de Jesus

SÃO CRISTÓVÃO

2014

MARIANA BISPO DE JESUS

**ALUNOS E PROFESSORES EM SALA DE AULA:
UM ESTUDO SOBRE FATORES QUE INTERFEREM NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sônia Meire Santos Azevedo de Jesus
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Orientadora

Prof. Me. Luiz Carlos Santos Prado
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Profa. Dra. Marilene Santos
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

SÃO CRISTÓVÃO

2014

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os educadores que exercem com amor e compromisso o seu papel na educação de crianças, jovens e adultos, contribuindo para que estes possam ter uma ampla visão de futuro, que sejam construtores de seus próprios ideais e assim merecedores de suas conquistas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela minha existência e sua bondade em me proporcionar a alegria de poder viver, conhecê-lo, amá-lo e servi-lo com toda a minha vida. Ele que todos os dias prova seu amor não só a mim como a toda humanidade, nos convencendo a sermos mais humanos e fraternos uns com os outros. É nele que acredito e procuro estar em sua sintonia. Ofereço toda esta minha conquista primeiramente a Ele, porque sei que nada faria se não fosse de sua vontade, o desejo em querer todos os seus filhos felizes.

Em segundo, agradeço aos meus pais que se esforçaram para nos dar uma boa educação, tanto a particular como a pública, as duas foram essenciais na minha formação educacional; agradeço de coração por serem tão importantes na minha vida, cada um com seu jeito de ser, mas sempre preocupados em oferecer o que tem de melhor aos seus filhos.

E quero agora agradecer a pessoas que considero especiais para mim, seja as que conheci na graduação e as que já conhecia ao longo da minha vida. Começo agradecendo aos amigos que me conhecem a um bom tempo, e que tenho bastante apreço. É o que digo às minhas madrinhas Ilma e Nadja, Iris Clara, às Irmãs da Congregação Auxiliares do Sacerdócio, Ir. Lene, Ir. Marie Jô e Ir. Rose, (pedras fundamentais em minha vida de discernimento), a minha amiga e irmã Maritelma, sua irmã Ana, sua mãe Valdelice, à Márcia Regina, à Daiane Andrade, Ceiça, sua mãe Tereza, Ana Lúcia, amiga de fé Valdete, Wolney, amigas solidárias Dona Gil, suas filhas Eliclécia e Elayne, aos amigos de caminhada Marcleia, Maria Clara, Jovino, Renata, Lúcia, Herbete, Priscila, minha amiga do ensino médio Maria Camila e Ana Carla, meu amigo Romerito, e finalmente os amigos/colegas que pude construir na graduação e que também me ajudaram a chegar até aqui. São eles: Bárbara, Douglas, Lyz, Michele, Danielle, Heibe, Simone, Arquibaldo, Jamile, Juliana Xavier, Juliana Cunha, Ana Kátia, Valdeci, Graciela, Lucilene, a todos os colegas que ingressaram comigo no segundo semestre de 2008. Foi muito bom estar com todos vocês, conhecê-los e vivenciar experiências marcantes em minha história no curso de Pedagogia. Posso ter esquecido alguém, mas, o que importa é o que cada um representa na minha vida e o que permanece de amizade, sinceridade e companheirismo.

E encerrando a página dos agradecimentos quero de forma muito especial citar os nomes dos professores que marcaram minha trajetória no curso de Pedagogia, agradecer pelos valores que transmitiram, pelo excelente papel de docente dentro e fora da sala de aula. Quero agradecer a todos vocês que deram um sentido à minha formação acadêmica na Universidade Federal de Sergipe. Cada qual possui suas características, mas ressalto que isso é o que faz a

diferença e acrescenta em nossa formação. Meus sinceros agradecimentos e elogios aos queridos professores: João Paulo Gama (Educação Brasileira), Itamar Freitas (Teorias do Currículo), Yolanda Dantas (História Social da Criança), Iara Campelo (Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem), Valtênio Paes (Estrutura e Funcionamento da Educação Básica), Luis Prado (Ensino de Português nas Séries Iniciais) Ana Maria Teixeira (Fundamentos Sociológicos da Educação), Jose Mario (Arte/Educação), Josefa Eliane (Antropologia na Educação), Margarida Teles (Língua Brasileira de Sinais), Silvana Bretas (Pesquisa em Educação), Marizete Lucini (Educação de Adultos), Sônia Meire (Educação do Campo), Maria Neide Sobral (Seminários Integradores), Solange Lacks (Educação e Corporalidade), são esses os pude ter a satisfação de conhecer e aprender nesse tempo de graduação.

Quero também agradecer à professora Ana Maria Azevedo que me ajudou a construir meus primeiros textos para a monografia, me incentivando com suas palavras acolhedoras. Em especial também à professora Silvana que sempre viu em mim plenas capacidades de vencer, de ir em busca dos meus interesses e me ajudou a construir grande parte de minha monografia, sendo minha orientadora em Monografia II. De forma particular, agradeço a atenção da professora Marizete Lucini, que me ouviu e me aconselhou nos momentos difíceis, quando recorri a ela para conversar na universidade.

E também de forma especial, a minha atual orientadora, professora Dra. Sônia Meire, a quem sempre admirei por sua garra, simplicidade e inteligência, ela que me acolheu e aceitou me orientar na reta final da monografia, me incentivando, esclarecendo, tirando dúvidas e observando o meu avanço. E não esquecendo da professora Marilene que também me ajudou a manter a calma e a acreditar no que eu estava escrevendo, para então chegar ao resultado final.

“Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. Temos de saber o que fomos, para saber o que seremos”.

Paulo Freire

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi o de analisar os fatores importantes no ensino e aprendizagem da alfabetização de crianças de uma turma do primeiro ano do ensino fundamental, da rede municipal de ensino, a Escola Lauro Rocha de Andrade, localizada no bairro Rosa Elze, na cidade de São Cristóvão/SE, tendo como foco seus principais agentes: a criança e o professor. Como procedimento metodológico optou-se pela pesquisa qualitativa, um estudo de caso, cuja investigação de campo lança mão de recursos instrumentais como a observação sistemática no interior da sala de aula, a entrevista semi-estruturada com a professora, e mais a análise dos cadernos dos alunos. Esses instrumentos nos possibilitou verificarmos como os professores lidam com as eventuais dificuldades dos alunos na medida em que o processo de alfabetização se desenvolve. A pesquisa trata da investigação de uma turma com vinte (20) crianças, nove (09) do sexo masculino e onze (11) do sexo feminino. A análise e interpretação dos dados nos permitiram inferir que a prática da professora da turma de alfabetização de nossa pesquisa não reflete o que ela tenta verbalizar a respeito de alfabetização e nem mesmo as discussões atuais a respeito da mesma. Também concluímos que a falta de um ambiente apropriado à aprendizagem, principalmente na alfabetização, interfere negativamente no ensino e aprendizagem dos envolvidos neste processo.

Palavras-chave: Alfabetização. Aprendizagem e Ensino. Dificuldades no Processo de Alfabetização.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze the important factors of teaching and learning for children's literacy in one class of the first grade of elementary school, from the city's municipal education system, Lauro Rocha de Andrade School, located in the Rosa Elze neighborhood, São Cristóvão / SE, focusing on its main actors: the child and the teacher. On the other hand, was intended to observe how teachers deal with potential difficulties for students during the developing of literacy process. As a methodological procedure we chose the qualitative research, a case study whose research field makes use of instrumental resources as the systematic observation into the classroom, a semi-structured interview with the teacher, besides analysis of students' notebooks with difficulties in the literacy process. It's a investigation with 20 children, 09 male and 11 female of the class observed. The analysis and interpretation of data allowed us to infer that the practice of classroom teacher literacy of our research does not reflect what she tries to verbalize about literacy and even the current discussions regarding the same. We also conclude that the lack of an appropriate environment for learning, especially in literacy, negatively affects the teaching and learning of those involved in this process.

Keywords: Literacy. Learning and teaching. Difficulties in the literacy process

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I: O CONTEXTO DE UMA ESCOLA ALFABETIZADORA.....	07
1.1 Condições do espaço de aprendizagem das crianças.....	08
1.2 A importância do ambiente alfabetizador.....	12
CAPÍTULO II: UMA ANÁLISE SOBRE A TEORIA E A PRÁTICA DE UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA.....	16
2.1 As explicações da professora.....	19
2.2 Os materiais e recursos didáticos.....	21
CAPÍTULO III : AS CRIANÇAS COM MAIORES DIFICULDADES.....	23
3.1 Samuel e sua aventura solitária.....	24
3.2 Rafael e seus passos lentos.....	26
3.3 Maria Eduarda e seus Avanços.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36
ANEXOS.....	38

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 - Paredes da sala de aula das crianças do 1º ano.....	09
Foto 2 - Carteiras da escola.....	09
Foto 3 - Espaço dos banheiros da escola.....	09
Foto 4 - Espaço de recreação da escola.....	09
Foto 5 - Espaço de área livre da escola.....	09
Foto 6 - Espaço do corredor da escola.....	13
Foto 7 - Espaço do pátio da escola.....	13
Foto 8 - Armário da sala de aula.....	14
Foto 9 - Materiais de construção dentro da sala de aula.....	14
Foto 10 - Caderno de Samuel com atividade de escrita.....	24
Foto 11 - Caderno de Rafael com atividades de escrita de Português.....	27
Foto 12 - Caderno de Rafael com atividades de escrita de Português e Matemática.....	28
Foto 13 Caderno de Maria Eduarda com atividade de escrita de Português.....	30
Foto 14 Caderno de Maria Eduarda com atividade de escrita de Matemática.....	31

LISTA DE SIGLAS

EJA - Educação de Jovens e Adultos

SEMED - Secretaria Municipal de Educação de São Cristóvão/SE

INTRODUÇÃO

A escolha do tema desta pesquisa, a alfabetização, deve-se a uma experiência de estágio remunerado vivida no ano de 2009, quando ainda cursava o 3º período do Curso de Pedagogia na Universidade Federal de Sergipe. Era a turma do primeiro ano do ensino fundamental, de uma escola da rede particular de ensino, situada na cidade de Aracaju/SE. Nesta escola atuei como auxiliar, onde minha função era colaborar com a docente da referida turma na organização da sala, na realização de algumas atividades com as crianças e no cuidado com elas e seus materiais.

Na medida em que desenvolvia as minhas atividades junto à professora – com a correção das atividades do livro, marcação da tarefa de casa, dentre outras atribuições – fui observando o processo de ensino e aprendizagem das crianças.

O primeiro momento da rotina da professora era fazer o acolhimento às crianças. Em seguida, ela solicitava que todas colocassem o material que levaram para casa como tarefa sob da carteira escolar, depois que o recolhia, informava que todas deveriam escrever a agenda redigida por ela no quadro. Era de praxe, a professora solicitar às crianças copiar o recado do dia, geralmente a tarefa de casa. Na sequência, era feita a revisão da escrita das crianças uma a uma, na mesa da professora, onde era observada a letra, a correção gramatical e ortográfica.

Mesmo tendo observado que a maioria das crianças concluía a tarefa, percebi que algumas delas, no momento em que iam mostrar a escrita, voltavam repetidas vezes, pois a professora não aceitava, alegando que a letra estava muito grande ou que as frases estavam muito coladas uma nas outras; ou ainda que faltava alguma letra. Por fim, ela dizia que o tempo já estava terminando, pois tinha que dar continuidade à aula. Dessa forma, aqueles que sempre voltavam à mesa da professora, permaneciam com a escrita do jeito que estava, ou seja, não avançavam em relação ao que a professora pedia.

Outro momento que também me chamava atenção era a atividade de “tomar a leitura”¹ das crianças. Esta atividade fazia parte do planejamento diário da professora. Ela escolhia um texto do livro didático adotado pela escola e passava de carteira em carteira para que cada estudante fizesse a leitura para ela. Geralmente, era um pequeno parágrafo para cada aluno e aluna. Eu observava que a forma como essa professora exigia a leitura era de uma maneira autoritária, ela sempre dizia: “Ninguém vai deixar de ler, vão estudando, porque que vou passar na carteira de cada um”. Porém, nem todas as crianças dominavam a leitura e a escrita

¹ Expressão muito utilizada nesta escola, quando a professora utiliza a prática de leitura para avaliar como os seus alunos leem.

ou mesmo a simples soletração. Algumas tinham dificuldades e eram justamente essas que demonstravam medo na hora em que ela chegava à sua carteira para a finalidade referida: “tomar a leitura” delas.

Nesse estágio, houve um momento em que a professora precisou sair da sala para resolver um assunto com a direção da escola. Então, fiquei responsável tanto pelas crianças como pela tarefa de “tomar a leitura”. Nesse momento, tive a oportunidade de me aproximar mais delas e interagir.

Nesse dia, foi possível conversar mais de perto com aquelas que demonstravam maiores dificuldades. Procurei ouvi-las para saber o que estava acontecendo. Uma das meninas que me aproximei, aparentava estar com medo, afirmou não saber ler, nem mesmo soletrar, que é a prática da escola. Eu a acalmei, li as palavras para ela e tentei conversar sobre os sons de cada letra e a junção das vogais e consoantes nas sílabas, e assim, fui incentivando-a dizendo que era fácil, que ela conseguiria, e que até já conhecia o alfabeto. Passou-se a semana e na seguinte, a mãe dessa aluna chamou a professora para agradecer e dizer que estava muito feliz, pois a filha já conseguia ler algumas palavras.

É possível que em algum momento, provavelmente no modo como a professora interagia com a criança acima referida, estivesse provocando certa inibição nela. Certamente, a professora nem se deu conta do que estava acontecendo, mas o fato é que fiquei feliz por ter contribuído de alguma forma para que ela ganhasse confiança na sua própria capacidade de aprender.

Esta experiência me mostrou o quanto é importante o professor ter uma boa relação com os seus alunos, estar atento àqueles que são mais introspectivos, àqueles que apresentam dificuldades na aprendizagem e como o professor precisa avaliar suas práticas em sala de aula.

As observações realizadas no decorrer do estágio foram definidoras para a escolha do tema de estudo e do foco sobre o qual se direciona esta monografia. Portanto, me interessei em compreender quais fatores podem contribuir para a existência das dificuldades de aprendizagem nas crianças na fase da alfabetização. Na época, me perguntava se eram fatores subjetivos da criança; se eram fatores de ordem pedagógica da ação docente ou se os dois se cruzavam. Estas questões iniciais passaram a ocupar minha mente de estudante no curso de Pedagogia.

Ressalto a importância deste tema no que diz respeito ao estudo científico do processo de alfabetização para minha formação acadêmica e intelectual na qual servirá como apoio para a prática docente. Outro fator de relevância é a sua questão social. Este estudo pode

contribuir para uma maior compreensão sobre o valor que tem a alfabetização no processo de desenvolvimento cognitivo das crianças e no seu desempenho na vivência em sociedade.

Considerando que as dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização podem estar relacionadas a uma diversidade de fatores, resolvemos realizar este estudo voltado para as questões que dizem respeito à interação entre as crianças e a professora no processo de alfabetização sem, contudo, desobrigar de observar o ambiente educacional e cultural da escola. A importância atribuída a esses questionamentos definem nosso objeto de estudo à luz das leituras de autores que abordam o assunto.

Uma das hipóteses deste trabalho era a de que a frágil atuação do professor em meio às dificuldades demonstradas pelas crianças poderia criar possíveis bloqueios na aquisição da leitura e escrita.

Outra hipótese era a de que a falta de um ambiente agradável e estimulante tanto para o professor como para as crianças interferia negativamente no processo de ensino e aprendizagem.

Nesta perspectiva, o objetivo geral deste trabalho foi analisar os aspectos que possivelmente interferem no ensino e aprendizagem das crianças no processo de alfabetização a partir da prática docente. Nesse contexto, pretendemos discutir o ambiente físico onde ocorrem as práticas de alfabetização, analisar as dificuldades das crianças em situação de alfabetização a partir das condições de aprendizagem oferecidas pela escola e identificar os fatores que interferem no processo de alfabetização de duas crianças da escola campo de estudo.

O método de pesquisa para empreender este estudo foi de caráter qualitativo cujo objetivo é analisar os dados volumosos decorrentes deste tipo de coleta, procurando analisá-los de maneira mais intensa e completa. Em outras palavras, o pesquisador se preocupa com todo o contexto dos seus dados, respeitando tudo o que foi observado e registrado. Como afirma Bogdan & Biklen (1994),

[...] a abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a idéia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permite estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 49).

O presente estudo tem semelhantes características, pois em nossa pesquisa buscamos analisar toda a informação revelada do nosso objeto de estudo, nesse caso o processo de aprendizagem numa turma de alfabetização. Dessa forma, à medida que reunimos todos os

dados nesse vasto campo de investigação que a pesquisa qualitativa oferece, tem-se a possibilidade de escolher aquele que melhor responde a nossos questionamentos.

Assim, foi realizado um levantamento bibliográfico. Abordamos o tema da alfabetização na medida em que foram pesquisados os artigos especializados dos periódicos, e obras de referências para a construção da fundamentação teórica e ampliação dos conhecimentos acerca dos aspectos importantes no processo de alfabetização das crianças. Paralelo à pesquisa bibliográfica, foi desenvolvida a pesquisa de campo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Lauro Rocha de Andrade, localizada na adjacência do bairro Rosa Elze, município São Cristóvão/SE.

O critério de escolha deveu-se ao fato da referida escola apresentar muitas precariedades em sua estrutura física comparando-a as demais escolas do bairro. Também, no que se refere à quantidade de salas de aula, são apenas quatro (04) desde sua fundação, em 1988. Para uma escola que oferece educação para as séries iniciais do ensino fundamental, consideramos ser muito pouco. Só existe uma turma do primeiro ano, que é oferecida no turno da tarde, que é a presente turma escolhida de nossa pesquisa. A importância deste critério está na possibilidade de verificar se tal precariedade na estrutura da escola interfere subjetivamente na aprendizagem. Claro está a obviedade da relação entre condições físicas e de recursos com os resultados na aprendizagem do aluno, mas nossa ideia foi aprofundar o estudo desta condição sem, contudo, pressupor que não há profissionais que, apesar das condições, lutam incessantemente para contribuir na educação de seus alunos através de seus esforços.

Para captar tal situação em toda a sua complexidade, optou-se pela observação detalhada do cotidiano na sala de aula, especialmente, o processo de alfabetização das crianças do 1º ano do Ensino Fundamental que, como se sabe, envolve todos os sujeitos da turma, bem como o contexto mais amplo da escola e seu meio social.

Na abordagem qualitativa, uma das possibilidades de se realizar uma pesquisa é o estudo de caso, onde o pesquisador vai a campo para buscar as informações necessárias para seu estudo a partir de sua atuação ou somente observação. Segundo Bogdan & Biklen (1994),

O plano geral do estudo de caso pode ser representado por um funil. Num estudo qualitativo, o tipo adequado de perguntas nunca é muito específico. O início do estudo é representado pela extremidade mais larga do funil: os investigadores procuram locais ou pessoas que possam ser objeto do estudo ou fontes de dados e, ao encontrarem aquilo que pensam interessa-lhes, organizam então uma malha larga, tentando avaliar o interesse do terreno ou das fontes de dados para os seus objetivos. Procuram indícios de como

deverão proceder e qual possibilidade de o estudo se realizar. Começam pela recolha de dados, revendo-os e explorando-os, e vão tomando decisões acerca do objetivo do trabalho. Organizam e distribuem o seu tempo, escolhem as pessoas que irão entrevistar e quais os aspectos a aprofundar (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 89).

A observação é uma técnica essencial para o estudo de caso, pois se queremos descrever bem um fenómeno é necessária uma observação sistemática dos aspectos da realidade como um elemento que se integra à pesquisa qualitativa permitindo um contato direto com o objeto em foco. Em nossa pesquisa o registro das observações foi realizado por meio de anotações escritas, constituindo-se o diário de campo durante as visitas à escola e observação às aulas da turma da alfabetização.

A entrevista semiestruturada com a professora da escola também foi outro instrumento de pesquisa, com o intuito de perceber o que ela considerava ser o processo de alfabetização. Do mesmo modo, a entrevista pretendeu captar a correspondência entre suas práticas e suas concepções fundamentais. Como destaca Szymanski (2004, p.14), “conforme a interação que se estabelece entre entrevistador e entrevistado, tem-se um conhecimento organizado de forma específica; percebe-se a partir daí a participação de ambos no resultado final”.

Nesta pesquisa, foram analisados os registros do diário de campo (observação), a entrevista com a professora e a análise do espaço físico da escola através de fotografias registradas pela pesquisadora. A análise desses dados se fez com base no referencial teórico estudado.

O processo de análise aconteceu de acordo com o método qualitativo, pois cada tipo de abordagem metodológica possui sua própria forma de análise. Segundo Duarte (2002),

Métodos qualitativos fornecem dados muito significativos e densos, mas, também muito difíceis de se analisarem. Sempre se lê isso em textos sobre metodologias de pesquisa em ciências sociais, entretanto só se tem ideia da dimensão dessa afirmação quando se está diante de seu próprio material de pesquisa e se sabe que é preciso dar conta dele (DUARTE, 2002, p. 08).

No universo da pesquisa qualitativa, vamos nos deparar com vários elementos que ajudarão a integrar grande parte do fenómeno estudado. Portanto, utilizamos deste método para realizar esta pesquisa, pois privilegia o estudo minucioso do caso e permite que o pesquisador produza seu conhecimento de forma mais concreta e contextualizada, um caminho que pode oferecer sucesso na pesquisa.

O presente trabalho está dividido em três partes: a introdução, onde apresentamos o tema da pesquisa, bem como sua justificativa; o primeiro capítulo, onde abordamos a

contextualização da escola em que foi realizada a pesquisa de campo; o segundo capítulo, onde discutimos sobre a prática da professora da turma de alfabetização e sua concepção de alfabetização; e o terceiro capítulo, em que apresentamos a vivência de três crianças da turma de alfabetização, uma que acompanha o ritmo da turma e duas que apresentam dificuldades de aprendizagem, finalizando com as considerações finais.

CAPÍTULO I - O CONTEXTO DE UMA ESCOLA ALFABETIZADORA

Esta pesquisa realizou-se na Escola Municipal de Ensino Fundamental Lauro Rocha de Andrade², situada no bairro Rosa Elze, município de São Cristóvão/SE. Foi fundada no ano de 1988 e, segundo informações da atual diretora, apesar dela ter sido construída em 1988, fora inaugurada somente em 1990, isto porque os moradores do bairro perderam suas casas devido a uma enchente que, sem saída e desabrigados, ficaram alojados na escola por todo esse tempo.

Como era preciso que a escola iniciasse o ano letivo, foi providenciada uma casa alugada no conjunto Eduardo Gomes, também adjacência do bairro Rosa Elze. Nesse período, exercia o cargo de direção a senhora Teresa Cristina M. N de Barros³, responsável pela escolha do nome da referida unidade de ensino.

A escola aqui tratada foi construída com apenas duas salas de aulas, anos depois sendo ampliada com mais duas, permanecendo até os dias de hoje. Sua estrutura física é constituída de uma (01) secretaria, quatro (04) salas de aula, uma (01) cozinha, três (03) pequenos banheiros em funcionamento e duas (02) pequenas áreas livres. Não há quadra de esporte, biblioteca e nem sala de professores. No entanto, há a pretensão de se montar uma sala de informática – o espaço já está disponível –, mas até o momento em que foi desenvolvida esta pesquisa, ainda não tinham chegado os equipamentos e nem mesmo iniciado as instalações.

As crianças atendidas pela escola são do próprio bairro e de bairros vizinhos como Rosa Maria, Barreiro, Ponto dos Pássaros, entre outros. Conforme as informações obtidas pela professora da turma, são crianças oriundas de famílias de baixa renda ou próximas a linha da pobreza; de modo geral, são famílias que sobrevivem de trabalhos informais ou temporários.

A escola funciona com duzentos e quarenta (240) alunos distribuídos nos três turnos, sendo que pela manhã com turmas do 2º ao 5º ano, pela tarde do 1º ao 4º ano e no turno da noite com a Educação de Jovens Adultos (EJA).

Por decisão da política educacional da Secretaria Municipal de Educação de São Cristóvão (SEMED) as escolas de sua rede participam do Programa Mais Educação – programa instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral.

² O nome da escola faz referência ao prefeito do município de São Cristóvão, à época.

³ Atual proprietária do Colégio El Shadday, localizado no conjunto Eduardo Gomes - São Cristóvão/SE.

A referida escola participa do Programa desde o início de 2012. Ele acontece três dias na semana para as turmas da manhã e da tarde, exceto para a turma da Educação de Jovens e Adultos e a turma do primeiro ano do Ensino Fundamental.

Como esta pesquisa se trata do tema da Alfabetização, a turma que foi escolhida para a pesquisa foi a única turma de 1º ano da escola, que funciona no período da tarde, pois não existe outra turma que seja do 1º ano na referida escola. A professora da turma que aqui identificamos como professora Silva⁴, nos acolheu e permitiu que fizéssemos a observação e entrevista com ela para a análise dos dados deste trabalho.

1.1 Condições do espaço de aprendizagem das crianças

De acordo com Libâneo (2011, p. 167) “o termo escola vem do grego *scholé*, que significa ‘lazer, tempo livre’. Foi usado no período helenístico para designar o estabelecimento de ensino”. Do mundo helenístico ao mundo da periferia urbana da grande Aracaju do século XXI, muitas mudanças transcorreram e a designação de estabelecimento de ensino tem sido colocada à prova frente aos meios de comunicação informacional disponíveis em quase todos os setores sociais de convivência. Portanto, ao adentrar na escola, nosso olhar foi atento para todos os detalhes que tal estabelecimento procura, fragilmente, preservar.

Analisando o espaço das salas de aula da referida escola é notória a contradição entre a citação acima e a realidade constatada do ambiente alfabetizador das crianças que estudam nela. A escola apresenta um ambiente desolador, de cores opacas, ressequidas, sem nenhuma referência ao universo infantil que se alegra com cores vivas. Sua estrutura física é muito precária em todos os aspectos, não oferece nenhum tipo de prazer para as crianças, adolescentes e adultos que estudam nela.

Como mostram as figuras a seguir – 1, 2 e 3 –, as salas de aulas são pouco arejadas, as paredes com a pintura gasta, sujas e com umidade, as carteiras inadequadas para a idade, um tipo de quadro-negro ruim para escrever porque o giz fica falhando, banheiros impróprios para as crianças, não possui quadra de esportes ou área coberta para o lazer, não possui biblioteca e nem refeitório.

⁴ Nome escolhido para representar a professora da turma do 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Lauro Rocha de Andrade.



Foto - 1



Foto - 2



Foto - 3

(fonte: arquivo pessoal, junho de 2013)

A interação com o espaço influencia grande parte do comportamento do indivíduo, ou seja, se as crianças convivem em um espaço sem nenhuma percepção de mundo, linguagem, novidades, o que se espera é encontrar crianças desmotivadas, incapazes de desenvolverem suas habilidades inatas de pular, saltar, correr, brincar, expressar suas vontades.



Foto - 4 (Fonte: arquivo pessoal)



Foto- 5 (Fonte: arquivo pessoal)

Como se observa na figura 4 e 5, o espaço de recreação é muito precário, impossibilitando as crianças de terem um momento favorável de jogos e brincadeiras. Não existe uma quadra de esporte ou um espaço coberto para atividades extras. Na figura 4, mostra-se que é improvisada uma suposta baliza de futebol para o lazer dos alunos no momento do recreio. Além disso, o espaço é muito pequeno, sujo, não existe grama e sim mato, a demarcação da trave foi feita diretamente na parede não possibilitando aos alunos uma noção de espaço concreta.

A educação física acontece também neste ambiente sem nenhuma condição, onde sabemos que toda criança nesta faixa etária tem a necessidade de demonstrar o seu desenvolvimento motor, o seu equilíbrio, suas habilidades pessoais. Assim, comprova-se que

nesta instituição falta uma quadra de esporte ou um espaço de lazer adequado, e os cuidados necessários para com este espaço também é de fundamental importância.

Como ressalta Fedrizzi (2002), ao relatar que “de modo geral, os pátios escolares não seguem um projeto definido, sendo, na maioria das vezes, considerados apenas como um local onde as crianças ficam quando não estão em sala de aula”. O que deveria ser um pátio ou espaço de recreação das crianças da referida escola, torna-se um lugar vazio, sem estrutura nenhuma para a vivência do lúdico na educação das crianças.

Partindo desse princípio, acreditamos que se a escola tivesse um planejamento baseado na necessidade dos alunos, provavelmente eles poderiam se desenvolver melhor. Sabemos que toda escola necessita de um espaço recreativo, isto porque a recreação deve ser parte integrante para o desenvolvimento tanto cognitivo como motor da criança.

Infelizmente, como já foi mencionado antes, na E.M.E.F Lauro Rocha de Andrade esse espaço favorável não existe. Assim, fica evidente o descaso dos órgãos público e da gestão escolar, que não mostram uma preocupação em torno dessa realidade que deveria ser um ambiente facilitador para o desenvolvimento das crianças e melhor qualidade de ensino.

Ainda como afirma Lima (1989):

É nesse meio que, ao estender a mão em busca do objeto, ela [a criança] adquire a noção de distância; é nele que a mãe aparece e desaparece, desligada do seu corpo; é ainda nele que exercita o seu domínio, equilibra-se, caminha e corre. (...) É num espaço físico que a criança estabelece a relação com o mundo e com as pessoas (LIMA, 1989, p. 13).

Conforme o que foi observado, em relação à infraestrutura, a escola aqui estudada está muito aquém de uma escola adequada. A sua estrutura física contradiz com a realidade de uma escola alfabetizadora, onde os alunos deveriam sentir prazer em frequentar o ambiente escolar.

Não se trata aqui de expor simplesmente a atual situação da referida escola, mas propor uma reflexão acerca dos fatores que influenciam na aprendizagem das crianças, especialmente, na alfabetização. Pensar sobre as condições de ensino e aprendizagem dos envolvidos nesse processo, o desafio do professor e as dificuldades e necessidades das crianças desse contexto.

O problema se agrava na medida em que se compara a precariedade desta escola com a carência da maioria das crianças que estudam nela. São crianças que muitas vezes não possuem alimentação adequada, vão para escola em jejum, não tem acompanhamento dos pais nos estudos, algumas delas sofrem agressões dentro de casa, entre outras problemáticas. Ou

seja, são diversas situações que, somadas às da escola, tendem a se tornarem fatores que dificultam ainda mais a aprendizagem, seja na fase da alfabetização ou em outras séries.

No que se refere à estrutura física da escola, é muito evidente sua deficiência, observa-se que em meados de vinte e seis (26) anos de existência, pouco se fez nesta instituição de ensino. Ao procurarmos informações com a diretora da escola a respeito das dificuldades, da ausência de vários elementos importantes para uma escola, o que obtivemos de resposta é que a prefeitura municipal não investe e o dinheiro que chega é muito pouco, não dando para suprir todas as necessidades da escola. Isto também interfere na organização interna da escola, na autonomia para construir uma educação de qualidade.

Segundo Freire (1989, p. 96) “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. É significativo refletir sobre o fato de que a escola é um espaço para se viver a democracia e acima de tudo a autonomia, no que se refere à liberdade de expressão e ações que favorecem a melhoria da educação.

Como uma escola pode apresentar avanços se não tem autonomia para exercer suas práticas de melhoria, se não se busca construir laços de cumplicidade entre todos os membros da comunidade escolar, se não unem forças para conquistar recursos para estruturar a própria escola?

A autora Heloísa Luck adverte:

A participação efetiva na escola pressupõe que os professores, coletivamente organizados, discutam e analisem a problemática pedagógica que vivenciam em interação com a organização escolar e que, a partir dessa análise, determinem caminhos para superar as dificuldades que julgarem mais carentes de atenção e assumam compromisso com a promoção de transformação nas práticas escolares. Assim, os problemas e situações desejados são apontados pelo próprio grupo, e não apenas pelo diretor da escola ou sua equipe técnico-pedagógica, gerando, dessa forma, um sentimento de autoria e de responsabilidade coletivas pelas ações educacionais, condição fundamental para sua efetividade, segundo o espírito democrático e a prática da autonomia (LUCK, 2011, p. 33).

Sendo assim, é de fundamental relevância compreender que a organização do espaço escolar tem forte influência na aprendizagem. Uma escola que não oferece as mínimas condições de trabalho para os professores – e nem mesmo estrutura para que as crianças e jovens estudem adequadamente – não está exercendo sua verdadeira função. Pensar a Educação é pensar em um todo, desde sua estrutura física à sua estrutura de componentes pedagógicos.

Diante disso, a escola no desempenho de sua função social, que segundo Kramer (2007) tem a função de ensinar criticamente, contribuir para que o indivíduo tenha condições de exercer sua cidadania, oferecer condições para que se desenvolva dentro da escola atitudes de mudança, deve possibilitar aos sujeitos se tornarem ativos, dando voz e vez para todos aqueles que pretendem desenvolver seu conhecimento como indivíduo transformador e formador de consciência.

Para isso, é necessário uma maior compreensão e comprometimento dos que estão à frente da educação, inclusive a gestão da escola, pensar uma educação de qualidade que os prepare para os desafios futuros e colaborar para que se tornem cidadãos capazes de se autodefender, questionar, refletir, agir, visando seus direitos e deveres como pessoa.

1.2 A importância de um ambiente alfabetizador

Ainda tratando do ambiente no qual as crianças são preparadas para desenvolverem seus conhecimentos e obterem uma aprendizagem significativa de leitura e escrita, apontamos a grande necessidade de refletir a importância que tem um ambiente alfabetizador, da escola e do professor estarem atentos aos sujeitos que convivem naquele espaço, de compreenderem que o processo de aprendizagem, seja ele em qualquer fase escolar, está atrelado a uma série de fatores determinantes para o desenvolvimento de quem está sendo instruído e, conseqüentemente, para o progresso do mesmo em sua vivência em sociedade.

Partindo dessa compreensão, percebemos que a referida escola de nossa pesquisa se encontra em uma preocupante realidade referente ao ambiente alfabetizador, pois o que foi observado é que pouco ou quase nada encontramos de semelhante ao que de fato se define como um ambiente alfabetizador. De acordo com Ana Teberosky (2005, s/n) ambiente alfabetizador “é definido como aquele em que há uma cultura letrada, com livros, textos – digitais ou em papel, um mundo de escritos que circulam socialmente. A comunidade que usa a todo o momento esses escritos, que faz circular ideias que eles contêm, é chamada alfabetizadora”.

Como podemos ver nas figuras abaixo – fotos 6 e 7 –, as crianças que estudam nesta escola não possuem a oportunidade de desfrutar de um ambiente favorável à sua aprendizagem, um ambiente prazeroso para estudar e socializar-se.



Foto 6 (Fonte: arquivo pessoal)



Foto- 7 (Fonte: arquivo pessoal, Junho de 2013)

A escola deve ser um espaço no qual a leitura e escrita façam parte da rotina das crianças e que possa ocorrer de forma agradável. Um ambiente que transmite afeto, alegria, entusiasmo, um lugar que contenha informações que estimulem o gosto pela leitura, cartazes com textos, figuras educativas, trabalhos das crianças, ou seja, oferecer condições onde se sintam à vontade para ler, escrever, perguntar, visualizar, permitir a inserção da língua escrita no cotidiano escolar.

Segundo Kramer (2007, p.75), “Na sala de aula as crianças precisam ter acesso direto aos materiais pedagógicos, introduzidos gradativamente, e expostos de forma organizada para possibilitar as explorações e atividades infantis”. Conforme a afirmação da autora, a realidade da sala de aula das crianças da E.M.E.F Lauro Rocha de Andrade é muito diferente do que foi exposto por ela. Como mostram as fotos 8 e 9 a seguir, a sala de aula desta escola contradiz a última citação.



Foto 8 (Fonte: arquivo pessoal)



Foto- 9 (Fonte: arquivo pessoal, Junho de 2013)

Observamos que a sala de aula não provém de recursos suficientes para desenvolver essa prática educativa mencionada anteriormente. É uma sala de tamanho regular, porém, as crianças não tem um cantinho reservado para a leitura, o mobiliário que tem não possibilita que elas tenham acesso direto ao material, pois é um armário alto e fechado. O espaço que deveria ser ocupado com o cantinho da leitura, de jogos, armário infantil, favorecendo o espaço lúdico para as crianças, está sendo ocupado por materiais de construção (como mostra a figura 8, acima), sem nenhuma segurança às crianças.

O ambiente é totalmente desfavorável, pois tudo contribui para que as crianças não se sintam motivadas, como, por exemplo, as paredes da sala de aula, que não possuem nenhum tipo de pintura atrativa às crianças; são paredes sujas e desgastadas, o teto apresenta danificações, no período de chuva a água penetra na sala de aula, não é uma sala arejada, possuindo apenas um ventilador que faz barulho e não funciona adequadamente.

Kramer (2007, p. 74) ainda argumenta que,

O espaço da escola deve ser seguro e deve favorecer a ampla circulação das crianças, tanto nas salas de aula, quanto no pátio externo, na sala de refeições, banheiros etc. É fundamental que as crianças conheçam o espaço e nele se movimentam livre e organizadamente (KRAMER, 2007, p.74).

Portanto, analisamos que a organização de um ambiente apropriado à alfabetização é extremamente necessário. É fundamental um espaço em que se estimule a criança a pensar, interagir, descobrir, se sentir segura para demonstrar suas habilidades. A escola que carece de toda forma de recursos para a montagem de um ambiente alfabetizador está negando à criança a oportunidade de melhor conhecer o sistema de escrita e suas funções, provocando assim uma especulação de baixa qualidade de ensino-aprendizagem.

CAPÍTULO II - UMA ANÁLISE SOBRE A TEORIA E A PRÁTICA DE UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA

Trabalhar a alfabetização é envolver uma série de fatores determinantes para o sucesso do indivíduo. Essa fase, se não for bem trabalhada, interferirá no seu desempenho escolar durante toda a vida. Mesmo entendendo este processo como sendo contínuo, é na base, ou seja, na alfabetização, que está o alicerce para o sucesso educacional.

O indivíduo, enquanto sujeito social, interage com os outros, vai se integrando com o universo cultural de seu grupo na medida em que adquire valores e assim construindo o seu conhecimento. Nesse sentido, os educadores, devem ampliar sua visão sobre o que seja de fato a alfabetização e entender que suas concepções de alfabetização, conhecimento e linguagem estarão permeando a sua práxis. Como observa Azevedo (2009),

A prática dos professores tem certamente a marca das contradições e das tensões que vive o professor no seu cotidiano. Esta prática está referendada também pelo modo como os professores pensam e interpretam os acontecimentos desse cotidiano, as suas representações de aluno, escola, função da escola, sociedade, alfabetização. São essas concepções responsáveis pelas suas escolhas metodológicas, estratégias, seleção de conteúdos (AZEVEDO, 2009, p. 101).

Mediante o processo de alfabetização é pertinente que o professor saiba definir seu papel de alfabetizador, porque a criança precisa entender a função daquela aprendizagem para a sua vida. É a forma como o professor conceitua a alfabetização que irá determinar a sua prática em sala de aula e com isso seus alunos serão os mais influenciados a partir do que for vivenciado em sala. Como afirma Kramer,

O sucesso na aquisição da leitura e da escrita não é apenas uma estratégia que visa permitir às crianças das classes populares continuarem na escola. Reconheço o quanto esse aspecto é importante, mas penso que é a concretização da função social e cultural da alfabetização no dia-a-dia da vida das crianças o que garante a sua efetividade (KRAMER, 2006, p. 101).

Partindo desse pressuposto, através da observação das aulas e da entrevista com a professora Silva, da turma do 1º ano, é pertinente levar em consideração o que a docente afirma a respeito do que é alfabetizar na visão dela:

Alfabetizar é fazer com que o aluno entenda, tenha entendimento da escrita e da leitura, não só decodificar códigos, mas ele precisa entender o que está

lendo, o que está escrevendo, e também organizar as suas ideias de forma oral e escrita (Entrevista, acervo pessoal, 2013).

A professora Silva já traz consigo o que define por alfabetização e sua teoria orienta a sua prática em sala de aula. Foi possível observar em sua fala que ela ainda possui um conceito de alfabetização ainda restrito e apegado aos métodos, como podemos analisar na pergunta a seguir da entrevista, onde interrogamos: Podemos dizer que existe um método eficaz de alfabetização? Ela responde:

Não, porque nem todos os alunos são iguais, um método que funciona para um, pode não funcionar para o outro. Tem um método que dá certo com a maioria, esse eu acho bom, a maioria dos alunos conseguem avançar, mas tem aqueles quem sempre tem um pouco mais de dificuldade e a gente tem que buscar outros meios, outros métodos (Entrevista, acervo pessoal, 2013).

Emília Ferreiro, em sua obra “Reflexões sobre a alfabetização”, faz uma análise sobre a alfabetização. Fazendo-nos repensar a respeito da prática escolar, a autora aborda a representação da linguagem e o processo de alfabetização, enfatizando a importância de recolocar essa discussão sobre novas bases. Emília Ferreiro (1993) defende essa afirmação descrevendo:

Se aceitarmos que a criança não é uma tábua rasa onde se inscrevem as letras e as palavras segundo determinado método; se aceitarmos que o “fácil” e o “difícil” não podem ser definidos a partir da perspectiva do adulto mas de quem aprende; se aceitarmos que qualquer informação deve ser assimilada (e portanto transformada) para ser operante, então deveríamos também aceitar que os métodos (como sequência de passos ordenados para chegar a um fim) não oferecem mais do que sugestões, incitações, quando não práticas rituais ou conjunto de proibições. O método não pode criar conhecimento (FERREIRO, 1993, p. 29).

É neste sentido que ressalto a importância do professor compreender e ter a consciência do que de fato a alfabetização representa, já que ele trabalha diretamente com ela. É de extrema importância que o professor conheça primeiramente os seus alunos, utilize uma prática adequada à realidade dos mesmos e não esqueça que o que vai determinar o fracasso ou sucesso nesse processo com as crianças é a forma como ele entende alfabetização. Sendo assim, compreender que não existe um método especial para se alfabetizar é muito importante, pois compreendemos que o que existem são estratégias de ensino que alguns autores sugerem para ser vivenciado em sala de aula, e não um método já pré-estabelecido para solucionar os problemas existentes na alfabetização.

O fato de alfabetizar uma criança nesta etapa, em que ela apenas está conhecendo as letras, criando habilidades na escrita, não pode ser comparado como sendo um momento meramente simples, ou sem muita importância. É exatamente nesta fase que o professor deve empenhar-se, qualificar-se e valorizar sua prática; é a sua forma de ensinar que poderá estimular ou desestimular o aluno, no que se refere a seu desempenho educacional. Como Colello (1995) nota,

Por trás da aprendizagem aparentemente simples, que é o conhecimento das letras e do modo de associá-las, existem aspectos linguísticos, psicológicos, sociológicos, pedagógicos, psicomotores e emocionais que, em conjunto, são responsáveis pela conquista da língua escrita (COLELLO, 1995, p.09).

O importante a ser considerado é o fato de que a prática pedagógica do professor apresenta sempre uma teoria, seja ela conservadora ou não. Desse modo, é importante que o professor avalie o seu método em sala de aula, reflita sobre seus pressupostos epistemológicos e políticos, que observe em qual tendência a sua prática educativa está impregnada, e a partir disso, verificar se está contribuindo com os alunos ou dificultando a aprendizagem dos mesmos. Eles necessitam de um professor comprometido com a sua produção de conhecimento, que avalie constantemente suas práticas, que perceba suas dificuldades, que auxilie os alunos a alcançarem um desempenho favorável a uma formação integral.

Os alunos são prejudicados, quando o professor não atenta para essa questão e atua à sua maneira, sem refletir que a prática da alfabetização é algo muito sério, um processo que requer cuidados, dedicação, atenção na forma em que está sendo realizada. O docente precisa propor aos seus alunos alternativas capazes de superar os problemas na aprendizagem, repensar uma prática que entenda o aluno como um ser político, histórico, que pertence a uma determinada classe social, que tem limitações, que necessita ser compreendido como um todo.

Esta é uma ideia que deve ser pensada em todos os níveis de ensino, não somente na alfabetização. Geralmente, põe-se a culpa da dificuldade de aprendizagem apenas no aluno, esquecendo-se que o educador também pode ser um dos fatores que favorecem tal dificuldade.

É fundamental que os educadores reflitam que eles mesmos podem fracassar em suas práticas em sala de aula, quando não tentam compreender o que ocorre no seu contexto de trabalho ou quando se apegam à atitudes que desfavorecem o desempenho dos alunos. Em muitos casos optam em desprezar o diálogo com os mesmos, a atenção aos alunos nos momentos de dificuldades, ou seja, se encontram muitas vezes alheios ao seu trabalho como

professor alfabetizador, esquecendo-se que tem uma importante função na educação das crianças.

2.1 As explicações da professora acerca das dificuldades para alfabetizar.

Em meio às dificuldades que a professora Silva vivencia para exercer seu trabalho docente, destacamos alguns trechos da entrevista onde ela expõe suas insatisfações, desejos e desafios, como também descrevemos um pouco da sua prática em sala de aula com as crianças da turma de alfabetização.

Em virtude do que foi mencionado, a professora Silva afirma que os desafios para alfabetizar são muitos, desde a dificuldade apresentada pela criança, à falta de estrutura física da escola. Como também, “o acompanhamento dos pais que eles não tem, a estrutura física da escola, e assim, o material didático-pedagógico a gente não tem nenhum.” E enfatiza também que “são muitas as dificuldades que a gente enfrenta” (Entrevista, acervo pessoal, 2013).

Conforme abordado acima, podemos observar que a professora se incomoda com atual situação, que percebe as dificuldades ao seu redor, mas se sente impotente em solucionar determinado problema, pois não tem o apoio necessário da atual gestão e principalmente dos pais das crianças que não procuram a escola para dialogar sobre a situação dos filhos, isto porque ela considera que a família é o instrumento eficaz para melhor se concretizar o ensino.

Ela destaca que a estrutura socioeconômica dos alunos também aprofunda tal situação: “eles são extremamente carentes [...] muito carente” (Entrevista, acervo pessoal, 2013). No nosso ponto de vista, esta é uma realidade concreta que presenciamos em sala de aula, observamos que as crianças vêm de uma estrutura socioeconômica de baixa renda, desprovido de vários requisitos de qualidade de vida.

Além desse fator, perguntamos se a falta de um ambiente apropriado para a alfabetização, a ausência de uma sala de aula estruturada para determinada série escolar, interfere na aprendizagem do aluno. Ela respondeu: “Bastante! São condições que ia facilitar o trabalho, e a gente não tem essas condições! Essa escola mesmo, com essas carteiras horríveis! Não tem como! Eles não conseguem nem se arrumar na carteira” (Entrevista, acervo pessoal, 2013). É considerável a informação da entrevistada, pois estudar em um ambiente nestas situações realmente interfere no ensino-aprendizagem das crianças. Não há como obter grandes resultados se não se oferece os meios favoráveis para o desenvolvimento.

É importante destacar outro fator relevante na aprendizagem, que é a atuação da gestão. Neste caso, fizemos o seguinte questionamento à professora Silva: na sua opinião, a

gestão da escola demonstra preocupação frente às dificuldades que são apresentadas por eles, pelos alunos? Ela Respondeu:

não tanto quanto eu gostaria! Às vezes a gente se sente muito só, a escola é pequena, coordenador acabou de chegar, ainda está tomando pé da situação, e às vezes você se depara com algumas situações em que você tem que resolver sozinho, quando seria necessário um acompanhamento maior da gestão da escola (Entrevista, acervo pessoal, 2013).

Infelizmente, percebemos que está muito presente essa falta de apoio dos membros que compõem a gestão, visto que, acreditamos que uma escola só é capaz de bem se desenvolver se houver a integração com os demais membros da escola, ou seja, se houver uma gestão democrática. A professora continua a afirmar quando pergunto como avalia a estrutura dessa escola para as suas condições de trabalho:

Péssima! A estrutura da escola é horrível! Banheiros do lado de fora da escola, quando chove fica tudo alagado, os meninos não tem como frequentar os banheiros, o telhado cheios de goteiras, salas horríveis! Tudo feio, muito feio! Não é um ambiente que atrai a criança, de jeito nenhum! (Entrevista, acervo pessoal, 2013).

Fica claro que são muitos os fatores que interferem na aprendizagem de um sujeito, pois a aprendizagem acontece dentro de um contexto histórico, onde ambiente, material didático, família, gestão, devem estar em sintonia, caso contrário, o rendimento escolar será defasado. Portanto, acreditamos que para alfabetizar é necessário levar em consideração esses diversos pontos, os socioeconômicos, culturais, emocionais, educacionais, todos são relevantes para bem alfabetizar as crianças e perceber nelas o avanço.

Apesar das dificuldades relatadas por Silva, observamos que ela demonstra alguns perfis de um professor que se preocupa com a educação. Destacamos sua prática de todos os dias fazer o acolhimento às crianças antes de começar a aula, despertar as crianças em fazer as atividades de leitura e escrita, observar um por um se escreve corretamente, pôr ordem na sala, elogiar o avanço das crianças e orientar as crianças sobre como realizar o que foi solicitado. Entretanto, analisamos que a professora S não se inclui como parte dos problemas do processo educativo, ela garante que a falha está só na escola, nos pais, na gestão, e não menciona se sua prática em sala de aula impede o rendimento ou aprendizagem dessas crianças.

Uma das dificuldades que observamos na prática docente de Silva é quando ela afirma que utiliza o método construtivista, quando na verdade ela aplica o método tradicional, trabalhando com a criança a questão de cobrir, insistindo com a criança que tem dificuldade que

escreva com letra cursiva, utilizando quadro, quando podia trabalhar outras atividades, a forma de arrumar a sala que ainda é em fileiras, a ausência de trazer para salas jogos, materiais didáticos diferenciados para a alfabetização. Além do mais, ela não trabalha em cima do dia-a-dia da criança, o que ela vivencia relacionado ao ensino, ou seja, insistindo em um ensino descontextualizado com a realidade de seus alunos.

2.2 Os materiais e recursos didáticos

É inevitável não perceber que são muitos fatores que levam os alunos a avançarem ou não na sua aprendizagem. E se tratando da questão do material didático, levantamos a seguinte questão: como avalia o material didático que utiliza? A professora Silva: “Se forem os livros, é um material razoável, não chega a ser excelente porque assim, é uma realidade diferente, mas dá para aproveitar muita coisa” (Entrevista, acervo pessoal, 2013).

O material utilizado por Silva é o livro adotado pela escola, que segue o padrão do PNAIC (Pacto Nacional da Alfabetização na Idade Certa), o quadro de giz, caderno de Caligrafia, mas nem todas as crianças possuem seu próprio caderno. Além dos recursos citados, a escola ainda disponibilizava materiais como: lápis de cor, tesouras, cola; apesar de não ser em grande quantidade, eram recursos facilitadores para o ensino-aprendizagem.

Partindo desse princípio, ela define claramente que toda ausência de material, seja físico ou didático, faz uma grande diferença no rendimento escolar dos seus alunos. Portanto, para analisar de fato esta alfabetização do ponto de vista qualitativo e quantitativo, é necessário se ter uma visão ampla dos fatores que compõem o bom desenvolvimento na alfabetização, que, sobretudo é bem retratado na fala da professora denunciando as condições de ensino e aprendizagem da escola em questão.

À luz dessas considerações, pode-se concluir que diante desse contexto que vivem as crianças e a professora dessa turma, é possível confirmar que ambos têm dificuldades neste processo. Por um lado o professor que mesmo não assumindo suas falhas ou limitações está envolvido no quadro de dificuldades apresentadas pelas crianças, e por outro lado as crianças que a todo instante demonstram suas necessidades de um maior acompanhamento e atenção em todos os aspectos e que muitas vezes não têm; seja da gestão ou da professora.

É saliente que a nossa educação ainda caminha em passos lentos para se conquistar a escola que sonhamos, onde cada um possa descobrir o gosto de aprender a partir dos recursos favoráveis ao seu potencial e, junto com a escola, consiga dar um salto de qualidade na educação. Um recurso imprescindível na aprendizagem das crianças é a sala de leitura ou a

biblioteca, e aqui ressaltamos que nesta unidade de ensino estes recursos estão ausentes, as crianças não têm local para a leitura, nenhum acesso a livros, revistas, jogos, entre outros.

Neste contexto, afirma Oliveira (2007):

A sedução para gostar de ler começa na escola. Para poder ler é preciso saber ler. Para gostar de ler, também é preciso saber ler. Portanto, o primeiro passo da escola consiste em assegurar um correto e adequado processo de iniciação à leitura. Essa leitura como prática sócio-cultural deve estar veiculada ao prazer com facilitamento de discussão e apreciação dos significados atribuídos ao texto, com várias interpretações dentro de um clima amigável e com resultados significantes para os leitores e professores (OLIVEIRA, 2007. p. 6).

A afirmação da autora nos leva a refletir a escola em questão, onde as crianças não são estimuladas à leitura, e não tem um espaço apropriado para essa atividade. Observamos que tanto os professores como as crianças se sentem sem opção ou estímulo para a realização das suas atividades educacionais.

A ausência de uma biblioteca ou espaço de leitura comprova que a escola não está preparada para assegurar um processo eficaz de iniciação à leitura como cita Oliveira (2007). Sabemos que as crianças ao lerem e discutirem o que leem, aprendem a falar e a ouvir, desenvolvem seus argumentos pessoais, exercitam a escrita, desenvolvem a capacidade de concentração e observação e ampliam seu conhecimento sobre o mundo.

É inegável que uma escola leitora precisa ter uma boa biblioteca com qualidade de títulos adequados para cada nível de escolaridade e suficiente para quantidade de crianças. A escola deveria motivá-las para a leitura, ter um profissional que leia para elas, conte histórias, leve essa criança a fluir em seu imaginário, despertando o interesse em aprender a ler, mesmo que existam aquelas que ainda não dominem essa prática, pois desde cedo a criança deve saber que existe este universo tão diversificado que contribui para o seu conhecimento, que é a leitura.

CAPÍTULO III - AS CRIANÇAS COM MAIORES DIFICULDADES

Com base na experiência em sala de aula, durante o estágio pudemos observar de perto os problemas que norteiam o processo de alfabetização, bem como as sérias consequências que afetam o contexto social, tendo em vista que quando o aluno apresenta dificuldades em ser alfabetizado fica desmotivado e, muitas vezes, chega até a evadir da sala de aula. Este fato interferirá no seu processo de aprendizagem, podendo chegar à fase adulta sem a instrução necessária para enfrentar a sociedade, e assim, não se qualificando para o mercado de trabalho, aumentando a estatística do desemprego ou do sub-emprego completando um ciclo que visivelmente se fecha na exclusão desse cidadão que se encontra à margem social. Como afirma Azenha (1993), é necessário que haja ambientes alfabetizadores, que dê condição ao indivíduo, pois, a convivência e a interação com a prática mostram a importância do ser letrado e alfabetizado.

Segundo Freire (1989, p.119) “a alfabetização não pode ser feita de cima para baixo, como uma doação ou uma imposição, mas de dentro para fora, pelo próprio analfabeto, apenas com a colaboração do educador”. É importante esta afirmação do autor, pois o educador deve tomar consciência de que o seu papel não é somente de ensinar, mas mediar o processo, acompanhando e acolhendo tudo que o indivíduo já trás consigo. Isto porque ninguém é uma tábua rasa, todos nós trazemos riquezas e aprendizagem dos vários ambientes que atuamos, e essa colaboração faz com que tudo isso seja acumulado, se tornando meio eficaz para a aprendizagem.

É a partir dessa afirmação que Freire aponta a importância de alfabetizar com temas geradores que não significam memorizar, e sim visualizar dando sentido às palavras. Ou seja, trazendo para seu contexto, sua realidade de mundo e do seu cotidiano. O autor explica que essa prática precisa ser interpretada e representada pelos aprendizes, a fim de que ocorra a tomada de consciência, pois os temas são vistos a partir de então como objetos de conhecimento.

Levando em consideração o que foi mencionado, fazemos a ligação com a realidade constatada na turma de alfabetização da escola de nossa pesquisa, na qual percebemos que a prática de ensino na turma não condizia com o que vivem as crianças, isso porque é muito mais fácil aprender a partir de elementos que se vê no cotidiano do que com algo que está distante delas. Esta afirmação se torna compreensível quando ensinamos e ajudamos os alunos a lembrar ou visualizar objetos de seu contexto social. São questões que nos permitem refletir a importância de se aproximar do aluno, dialogar, deixar ele expor suas experiências e, assim,

conhecer quem é esse aluno, sua origem, entender seu comportamento, ampliando sua visão como professor em sala de aula, considerando a realidade de cada um para a condução da sua prática de ensino.

Nosso estudo é compreender os fatores que interferem na aprendizagem das crianças de uma turma de alfabetização, portanto, vamos abordar a seguir as dificuldades apresentadas por duas crianças da turma em questão dessa pesquisa. Em seguida conheceremos uma das crianças que mais se destacam por seu avanço na aprendizagem.

Tomamos por exemplo a realidade de três alunos: Samuel, Rafael e Maria Eduarda, todos sujeitos da pesquisa.

3.1 Samuel e sua aventura solitária

Diante de uma turma de vinte (20) alunos, nos deparamos com duas crianças com dificuldades na aquisição da leitura e escrita. A primeira é Samuel, com idade de seis (06) anos; e a segunda é Rafael, com idade de sete (07) anos. Ambas estudam na mesma sala, com a professora S, a professora da turma de alfabetização.

O contexto histórico de Samuel pode ser um dos fatores preponderantes para o seu rendimento escolar, mas é importante estarmos atentos para perceber que outros fatores influenciam também na realidade desta criança. Por exemplo, a falta de apoio da escola, a falta de incentivo familiar, a alimentação precária, o próprio ambiente escolar, como também a dificuldade do próprio professor que dificilmente percebe a deficiência do aluno, não oferecendo para este a condição necessária para sanar a sua deficiência. Assim, podemos afirmar que esses são alguns fatores visíveis para este contexto específico do aluno Samuel.

Visualizaremos agora uma atividade realizada pelo aluno:

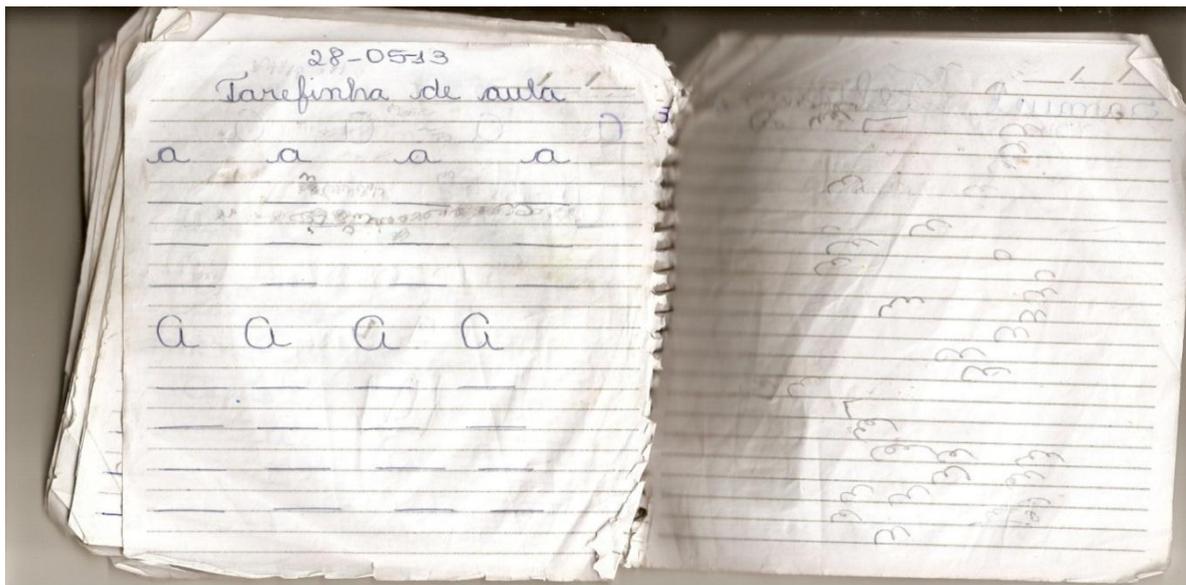


Foto 10 - Atividade de escrita (arquivo pessoal, junho de 2013).

Na visão de Cagliari (2001, p. 96) “um dos objetivos mais importantes da alfabetização é ensinar a escrever. A escrita é uma atividade nova para a criança, e por isso mesmo requer um tratamento especial na alfabetização”.

Para Cagliari, o problema muitas vezes da escola é querer ensinar o educando a escrever sem antes ensiná-lo o que é escrever, jogando com a criança sem lhe dizer as regras do jogo. O autor ainda afirma que “alguns métodos de alfabetização ensinam a escrever pela escrita cursiva, chegando mesmo a proibir a escrita de forma, não sabe que a escrita de forma é muito mais fácil de aprender e reproduzir que a cursiva”.

A partir do que já foi explicitado, aqui entra o papel do educador em buscar as variadas formas de ensinar a língua escrita sem se prender a um único modelo, pois cada indivíduo aprende da sua maneira própria. E por sua vez o educador não pode abrir mão de observar a dificuldade de cada aluno sem pensar que todos têm a mesma habilidade, capacidade, competência. Como afirma Cagliari (1998):

Aprender é um ato individual: cada um aprende segundo seu próprio metabolismo intelectual. A aprendizagem não se processa paralelamente ao ensino. O tão importante para quem ensina, pode não parecer tão importante para quem aprende. A ordem da aprendizagem é criada pelo indivíduo, de acordo com sua história de vida e, raramente acompanha passo a passo a ordem do ensino (CAGLIARI, 1998, p.37).

Observando bem a escrita do aluno Samuel, ele sabe que se usa letras para representar a fala, mas desconhece que no nosso sistema de escrita usamos a junção de várias letras. E por isso, ele não se sente apto em escrever da maneira que o nosso sistema considera correto. Mas

certamente, na mente dele, o fato de não conseguir escrever o deixa desestimulado. É neste momento que o professor deve se tornar presente sendo o mediador, ou seja, aquele que motiva, incentiva e possibilita ao aluno avançar em seus desafios.

Um meio eficaz para estimular este aluno é a aproximação, nunca deixá-lo sozinho com o sentimento de abandono ou de incapacidade, pois cada desafio na vida se enfrenta na medida em que o outro apoia, se interessa e se torna um membro presente na vida daquele que busca. Na afirmação de Cagliari (1998, p.52) “conhecer a realidade e a história do aluno é fundamental para uma prática educativa que respeite o aprendiz como um ser humano em sua plenitude”.

Através do que a professora Silva colocou, descobrimos que Samuel não mora com a mãe, só com o pai e uma irmã de doze anos que cuida dele e dos outros irmãos. O pai é alcoólatra. Certamente, essa criança tem poucos recursos motivadores para a escrita e a leitura dentro do seu ambiente familiar. Por outro lado, observamos o entusiasmo desse aluno nos momentos da arte. Desenhar não era um problema para ele. Compreendemos o quanto precisamos valorizar o aluno pelo que ele é, e não pelo o que gostaríamos que ele fosse, pois cada um trás consigo sua história, sua vivência cotidiana, isso também faz parte da aprendizagem.

Enfim, observamos outros momentos em que o aluno Samuel demonstrou sua habilidade, agilidade, autoconfiança e ânimo para realizar a atividade, a exemplo do momento da educação física, onde ele tem um espaço precário para correr e brincar, mas é uma atividade que lhe trás muito prazer em realizar.

3. 2 Rafael e seus passos lentos

No caso de Rafael, apesar de ser visível a sua dificuldade no rendimento, foi possível identificar que ao decorrer das aulas ele começou a adquirir um maior interesse, dando passos de conquista na sua aprendizagem. Este aluno tem uma família mais estruturada, os pais trabalham. Sobre as atividades, às vezes ele trás a atividade pronta, outras vezes deixa sem fazer. Mas, segundo a professora Silva, acredita-se que ele não passe por dificuldades tão precárias como Samuel, pois ele sempre trás seu lanche, tem os materiais necessários para o desenvolvimento do seu conhecimento intelectual e seu comportamento não se caracteriza de uma criança de extrema carência socioeconômica.

O maior desafio encontrado nessa criança era a dificuldade para escrever e acompanhar as atividades propostas. Ele tem uma certa distração, quando trazia o livro não trazia o caderno, e muitas vezes era a professora que providenciava o material para ele a fim

de não deixá-lo fora das atividades que seriam realizadas. As tarefas que eram realizadas no quadro, ele não acompanhava e conversava com facilidade durante a atividade.

Partindo desse princípio, o que observamos é que existe uma certa ausência de acompanhamento individualizado por parte da professora, pois mesmo com a clareza da dificuldade de algumas crianças, as aulas eram sempre aplicadas de forma homogênea, ou seja, a professora não procurava trabalhar em cima da particularidade de cada um, todas pareciam estar no mesmo nível, coisa que seria impossível naquele ambiente escolar.

Neste contexto, Cagliari (1998, p. 53) afirma:

O professor precisará interagir com seus alunos, conversar com eles, deixar que cada um expresse o que sabe, à sua maneira, ou que se cale, porque ficar quieto também é um comportamento revelador. O professor precisará conversar sobre todos os assuntos, inclusive a respeito dos conhecimentos que a escola se propõe a ensinar aos alunos, para que a aprendizagem e o ensino sejam tarefas compartilhadas entre professor e alunos, através dos mais variados modos de interação. Entre outras coisas, o alfabetizador conversará com os alunos, logo no início, a respeito da história de cada um, da comunidade onde vivem, dos ideais de vida, da escola, da família e até a respeito do que os alunos acham que a escrita e a leitura são nas suas mais variadas formas. Ouvir os alunos é necessário para conhecer a realidade de cada indivíduo, ponto de partida do processo de aprendizagem de cada um (CAGLIARI, 1998, p. 53).

Com base no que foi citado pelo autor, acredito que essa ausência de diálogo entre o professor e o aluno pode ter contribuído para essa ausência de compreensão da realidade diante das dificuldades que os alunos apresentavam. Além do mais, o próprio silêncio de alguns alunos, quando eram desafiados pela leitura e escrita, era um sinal visível da descontextualização, pois o conteúdo era desvinculado da realidade que cada aluno trazia.

Assim, fica compreendido que aproximar conteúdo do contexto histórico dos alunos é uma tarefa essencial, e nenhum professor pode fugir dele se quiser desenvolver um trabalho mais eficaz em sala de aula.

Durante a observação percebemos o contrário disto, porque da parte da professora, havia muitas cobranças aos alunos, mesmo vendo claro que o seu rendimento escolar não estava compatível com a proposta oferecida. O aluno Rafael demonstrava claramente a sua particularidade na realização das tarefas, o seu mundo real estava distante do ideal da professora. Às vezes em frases como: “Vamos, você consegue, todo mundo fez, você também pode fazer”. Também não percebemos a preocupação da professora em trazer questões familiares que possibilitassem esse aluno a falar a respeito do seu mundo cotidiano no setor familiar.

Visualizemos a seguir as atividades de escrita de Rafael:

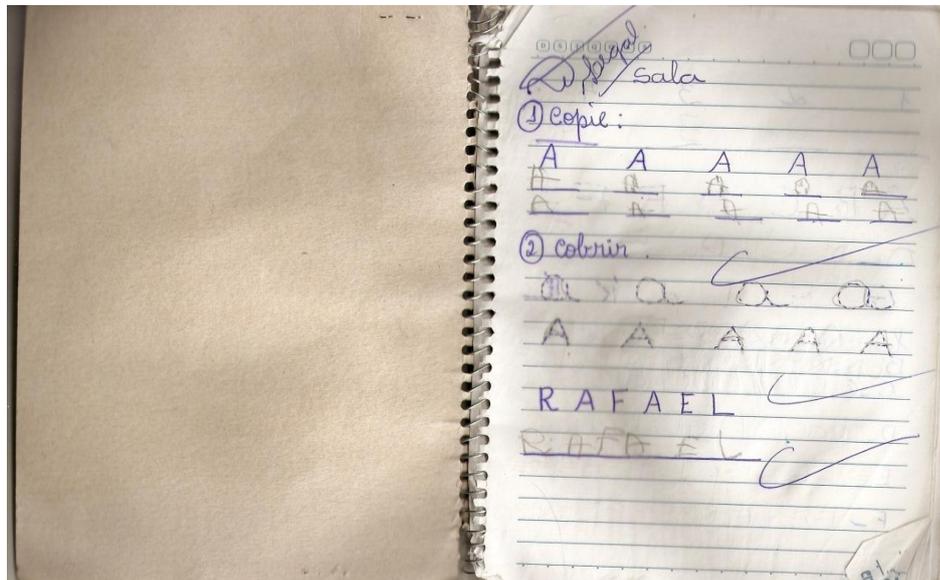


Foto11 - Atividade 1, realizada na língua portuguesa (arquivo pessoal).

Em passos lentos, Rafael vai se desabrochando, mostrando o interesse ao realizar algumas tarefas. Agora iremos observar na figura 12 essa conquista a partir de algumas atividades passadas no quadro pela professora da turma.

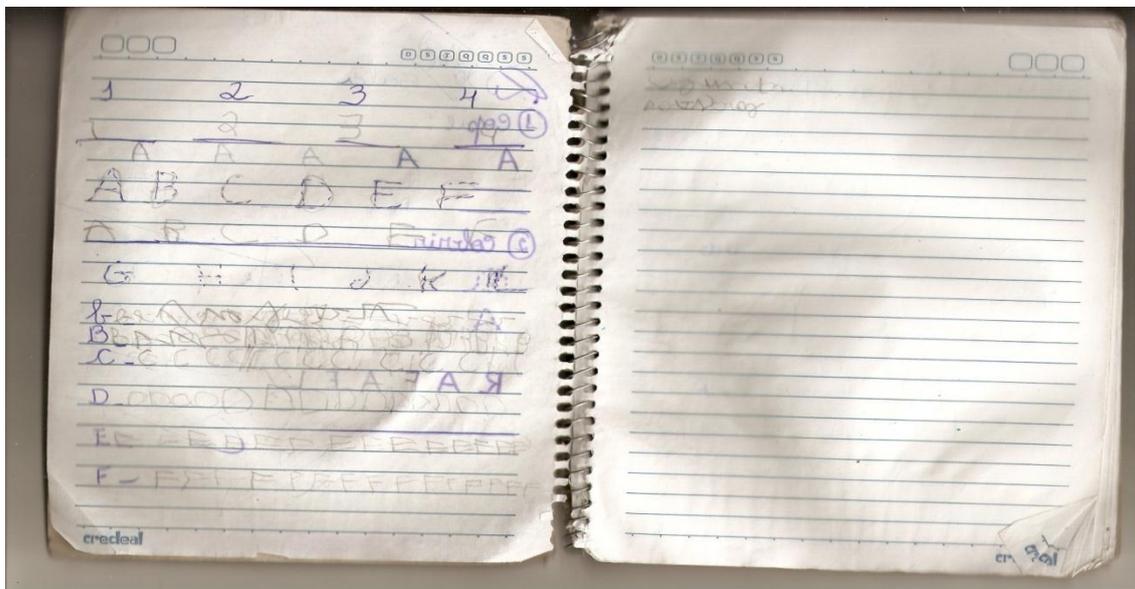


Foto 12 - Atividade 2, realizada na língua portuguesa e matemática (arquivo pessoal).

Esta atividade expressa a distração de Rafael, ele não domina a escrita e facilmente ele para de escrever. Ele escreve e brinca ao mesmo tempo e pelo fator da escrita ser o seu maior desafio, ele desiste rapidamente deixando a sua tarefa incompleta.

Diante da realidade citada, Cagliari (1998, p. 53) diz: “O ensino não poderá ser somente coletivo, mas deverá em grande parte estar voltado para as particularidades de cada aluno ou de grupos de alunos que necessitam do mesmo tipo de assistência por parte do professor”. Assim, pode-se perceber que a relação professor-aluno é fundamental na aprendizagem. Uma criança como Rafael que tem a necessidade de incentivo, atenção e acompanhamento dificilmente poderá avançar sem esses requisitos citados em relação ao professor.

Compreender que a tarefa docente tem um papel significativo na formação do indivíduo, entender sua real finalidade, faz toda a diferença na prática docente, porque dessa forma o ensino e a aprendizagem tomarão bases sólidas; e conseqüentemente os resultados serão positivos tanto para um, como para outro. Entendemos que o professor precisa assumir uma postura crítica em relação a sua atuação em sala de aula, refletir o que é ser educador, como se caracteriza sua formação, o que falta para melhor exercer sua função e cooperar com seus alunos. Neste sentido Arroyo (2000) descreve:

Teríamos que conseguir que os outros acreditem no que somos. Um processo social complicado, lento, de desencontros entre o que somos para nós e o que somos para fora [...] Somos a imagem social que foi construída sobre o ofício de mestre, sobre as formas diversas de exercer este ofício. Sabemos pouco sobre a nossa história (ARROYO, 2000, p.29).

Para reforçar o que foi mencionado, Freire (1996) ainda diz que nenhuma autoridade docente se exerce ausente da competência profissional, onde o professor que não leva a sério sua formação, que não estuda ou se esforça, não tem moral suficiente para coordenar as atividades de classe.

A questão da formação continuada tem forte influência no que se refere à qualidade de ensino das escolas e principalmente na alfabetização, porque é nela que se estimula a criança a se interessar por todos os passos da aprendizagem e a enfrentar os desafios das tarefas escolares. Para Behrens (1996, p.135) “A essência da formação continuada é a construção coletiva do saber e a discussão crítica reflexiva do saber fazer”. Quando o professor alfabetizador entende que a formação continuada é um caminho que pode conduzi-lo à melhor realização do seu trabalho e só tem a garantir sucesso em sua prática docente, o processo formativo das crianças, jovens ou adultos terá mais possibilidades de ser promissor.

3.3 Maria Eduarda e seus avanços

Mesmo com todos os desafios que já foram mencionados anteriormente, a respeito das dificuldades na aprendizagem, podemos dizer que nesta mesma escola foi possível contemplar alguns avanços em determinadas crianças. Destacamos a aluna Maria Eduarda. Observando seu caderno podemos contemplar o capricho dela em escrever com desenvoltura, interesse, e com certa habilidade. Acreditamos também, que a atitude da professora em estimulá-la na escrita pode levá-la a criar um maior interesse tanto pela escrita, quanto pela leitura.

Dessa forma nos afirma Cagliari (2001, p.97):

um dos objetivos mais importante da alfabetização é ensinar a escrever. A escrita é uma atividade nova para a criança, e por isso mesmo requer um tratamento especial na alfabetização. Espera-se que a criança, no final de um ano de alfabetização, saiba escrever e não que saiba escrever tudo e com correção absoluta (CAGLIARI, 2001, p.97).

Acreditamos que esta aluna que foi observada nesta sala de aula, acompanha com certa facilidade a atividade proposta pela professora, isso com certeza estimula tanto a criança quanto o professor, é possível perceber que ela desenvolve as atividades com muita precisão e atenção ao que escreve, promovendo assim seu próprio avanço na aprendizagem.

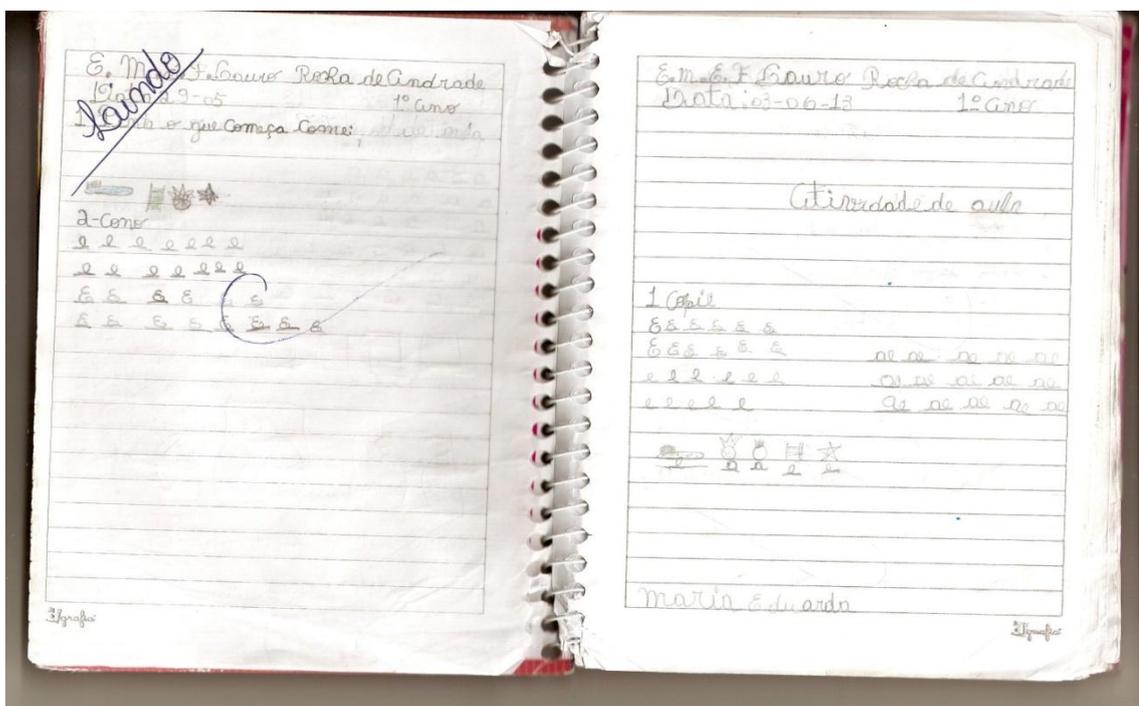


Foto 13 - Atividade de escrita de Português (arquivo pessoal, Junho de 2013).

A partir da atividade acima, dar-se a perceber que a professora ao ver o esforço da criança a motiva escrevendo, em sua atividade, a palavra “lindo”. Para nós adultos isso pode não significar nada, mais para uma criança que está no processo de alfabetização representa muito, favorece a sua maneira de pensar, pois ela se sente cada vez mais interessada a realizar uma grande ou pequena tarefa pelo estímulo que recebe. Diante disso, podemos dizer que o ato de escrever é um meio por onde o professor estimulará a criança ao conhecimento, e isto necessita de motivação para que a mesma se sinta segura e capaz de realizar o que é solicitado como escrita.

Ainda a respeito da escrita, Cagliari (2001) nos diz que a motivação da escrita é sua própria razão de ser e a decifração é apenas um aspecto do seu funcionamento. Com base na afirmação do autor, fica compreendido que esta aluna já escreve o que vê, mas não basta ficar só nisso, é preciso partir do interesse da criança, levá-la certamente ao desafio maior, que ela possa decifrar o que está escrevendo e demonstrar cada vez mais interesse por aquilo que faz, confirmando a sua aprendizagem e se desenvolvendo com precisão nas suas habilidades.

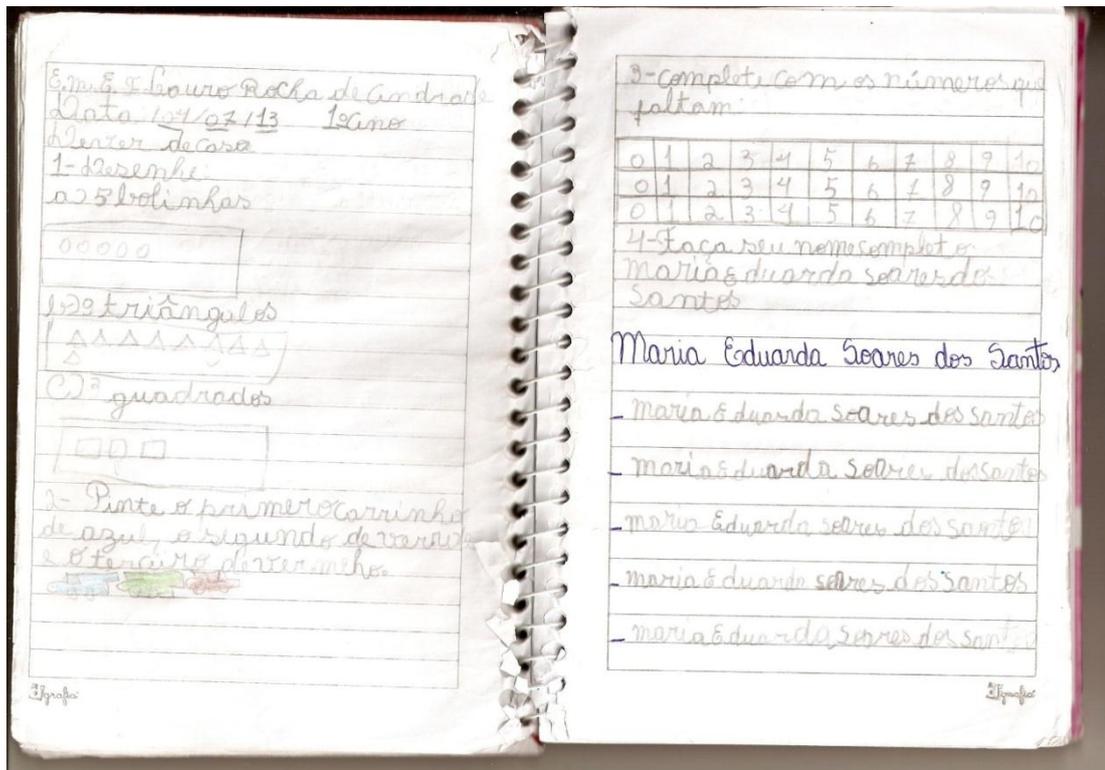


Foto 14 - Atividade de escrita de Matemática (arquivo pessoal, Junho de 2013).

Nessa tarefa acima, fica fácil distinguir a variedade de atividades elaborada pela professora. Certamente esta será também uma forma de levar a criança a compreender que

não existe um único conteúdo e que a escrita perpassa por diferentes disciplinas, e mesmo que se utilize a escrita não estamos aprendendo só a língua portuguesa, mas sim a matemática, a ciência, etc. Além disso, é importante que o professor as crianças a usufruir da fala, pois a aprendizagem se dá de diferentes maneiras.

Partindo desse princípio, Cagliari (2001, p. 106) argumenta,

as crianças vivem em contato com vários tipos de escrita os logotipos, as placas de trânsito, rótulos e cartazes, além dos textos de revistas, jornais, televisão etc. Todas essas informações e vivências devem ser aproveitadas pelo professor para, juntamente com os alunos, refletir sobre a possibilidade da escrita e observar que marcas muito individuais restringem a possibilidade de leitura e que, para facilitar a comunicação entre todas as pessoas de uma sociedade, é que se estabelece um código, se convencionou um desenho para as letras (CAGLIARI, 2001, p. 106).

Acredita-se que é importante que já no início do processo de aprendizagem das crianças elas estejam situadas sobre essas diferenças que existem no processo de aprendizagem, pois, o universo da escrita e da leitura é amplo. Ou seja, não existe uma forma única, estática para esse sistema da linguagem. Além disso, certamente uma boa conversa com as crianças vai ajudá-las a compreender melhor o mundo alfabetizador, sem exigir delas o que ainda não é possível assimilar, no entanto dialogar, escutar, deixar que elas também questionem e deem a sua própria opinião.

Certamente, uma criança que aprende a partir de uma informação como essa, só poderá avançar, continuar na busca de novos conhecimentos. O problema é que na maioria das vezes não percebemos nos profissionais um maior entusiasmo para desafiar os seus alunos a pensarem, compreenderem o mundo da escrita a partir do seu contexto social o que eles já trazem consigo, o que eles observam em casa, na rua ao redor da sua própria escola, mesmo que essa não ofereça tantos recursos como imaginamos ou desejaríamos.

Assim, é fácil perceber que o campo de conhecimento de Eduarda para o avanço da escrita e da leitura está iniciando, cabe agora à professora a continuar explorando dessa criança o máximo de ideias, conteúdos, criatividade que ela trás do seu mundo interior. Portanto, os sistemas de escritas de forma geral permitem variantes para as formas dos símbolos e das letras.

Então, como defende o autor, o sistema da escrita tem um alfabeto para letras maiúsculas diferentes do das letras minúsculas. E sabemos também que alguns sistemas de escrita têm a forma cursiva e a de fôrma. A escrita de fôrma representa um estágio avançado de uso da escrita e é aparentemente de uso individual. Se observarmos com bastante atenção,

podemos perceber que a aluna acima não domina a escrita, mas tem noção do que seja a escrita, pois mesmo o seu nome completo ela ainda mostra algumas dificuldades; por outro lado podemos se alegrar porque ela tem um caminho percorrido para avançar tanto na escrita quanto na leitura.

Essa foi a conclusão que chegamos com relação às observações feitas nesta escola com determinados alunos que já dominam a leitura e escrita e aqueles que apresentam suas dificuldades na aprendizagem dentro do processo de alfabetização. Apontamos para o fato de que por ser uma turma de vinte (20) alunos, só dois apresentam dificuldades. Então observa-se que a professora, mesmo com tantas barreiras já expostas no texto, desenvolve seu papel de forma que boa parte dos alunos conseguem aprender, avançar e estruturar seu conhecimento.

Ressaltamos também que apesar das demais crianças acompanharem o ritmo da professora em suas atividades, não suspende a obrigação dela em ajudar e ter um trabalho diferenciado com aqueles que não avançam, que se encontram atrasados no que se refere ao seu desempenho escolar. Dessa forma refletimos que as dificuldades na aprendizagem podem ser superadas na medida em que o professor se esforçar em buscar compreender as causas para tal situação e assim tentar outros meios de suprir uma determinada falta ou ausência de recursos considerados importantes no ensino e aprendizagem das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conscientes da importância dessa temática, a alfabetização, consideramos, portanto, a relevância da reflexão sobre o processo de alfabetização das crianças, reconhecendo que o modo como é realizado ou até mesmo a forma que é entendida a alfabetização influencia significativamente a aprendizagem e consequentemente o desempenho do indivíduo ao longo de sua carreira educacional.

Com base na fundamentação teórica estudada e a pesquisa de campo, foi possível observar que aspectos ligados à relação professor-aluno no processo de alfabetização e também a importância de um ambiente escolar estruturado e facilitador à aprendizagem contribuem para que tanto o ensino como a aprendizagem das crianças seja, de fato, de qualidade. Assim, ao nos aprofundarmos nas questões das dificuldades apresentadas pelo professor e a criança dentro desse processo, observamos que são vários os fatores que contribuem para que ocorram tais problemas.

Nesse sentido, a pesquisa teve como objetivo explicar quais as consequências do trabalho docente no processo de alfabetização e em que condições a prática se realiza e como esta interfere no sucesso ou insucesso das crianças.

Na análise dos dados da pesquisa de campo como as fotografias capturadas da escola onde realizamos o estudo, constatamos que o ambiente desta escola se encontra em condições precárias de funcionamento, verificamos que lecionar, estudar, exercer qualquer atividade em um ambiente como este desestimula qualquer pessoa, transmite um sentimento de exclusão, desrespeito, desatenção, desamor, tornando difícil alguém pensar em um futuro melhor, porque tudo o que se vê é descaso com a educação e principalmente com a integridade do ser humano.

Outro aspecto a ser repensado é a prática docente em meio a essa realidade da escola. Constatamos na entrevista que a professora da turma de alfabetização se sente muito insatisfeita com as condições da escola, não tem o apoio da gestão, não percebe o acompanhamento dos pais com seus filhos, se sente totalmente limitada, ou seja, o seu trabalho docente cada dia fica mais difícil porque não encontra o auxílio necessário para que os problemas possam ter soluções. E os mais prejudicados são as crianças, como todos os alunos e alunas que estudam nessa instituição, pois eles necessitam ser instruídos para conduzirem suas próprias vidas.

Levando em consideração o papel da professora dessa turma de alfabetização que abordamos na pesquisa, podemos considerar que ela exerce de forma responsável sua função

como educadora, porém, verificamos que ela apresenta fragilidades em sua formação. Analisamos que ainda não possui uma firme definição sobre o que realmente significa alfabetizar e identificamos que seu conceito sobre alfabetização é baseado em métodos; ela defende o construtivismo, mas não consegue claramente descrever o construtivismo ou esclarecer que o construtivismo não é um método, mas uma teoria que diz respeito ao aprendizado.

Outro aspecto relevante que verificamos em sua atuação é que ela afirma ter um trabalho diferenciado com as crianças que apresentam dificuldades na aprendizagem, quando na verdade não observamos este tipo de trabalho no período em que coletamos os dados para esta pesquisa. Como por exemplo, não observamos um trabalho diferenciado com os alunos: Samuel e Rafael, o que identificamos foi que nos momentos das atividades da turma ela cobrava que os mesmos fizessem ou tentasse realizar o que se pedia, mesmo já sabendo das dificuldades apresentadas dia a dia por essas duas crianças. Na entrevista, ela afirma que o que dificulta ter um trabalho de acompanhamento com essas crianças com dificuldades é a quantidade de alunos que tem que dar conta e o material que a escola não tem, embora, tenha uma quantidade menor de estudantes com a relação às demais turmas das outras séries.

Acreditamos que no processo de ensino e aprendizagem é importante o professor compreender que as pessoas têm sua forma de aprender o conhecimento, e o ritmo de retorno na aprendizagem depende da particularidade de cada um. O importante é o professor enxergar a turma como heterogênea e atentar-se àqueles que necessitam de mais cuidados, e dessa forma procurar mostrar caminhos que facilitem a aprendizagem. Para isto, é necessário uma formação continuada.

Entender o processo de alfabetização das crianças será sempre um objeto de estudo relevante para os professores alfabetizadores, porque eles sabem que alfabetizar é uma tarefa difícil e que está sujeita a várias influências externas. Portanto, ressaltamos a importância da formação continuada para os professores, pois a prática pedagógica exige um professor capacitado e preparado para trabalhar com seus alunos e com as problemáticas presentes no cotidiano escolar.

As reflexões deste estudo contribuíram para a compreensão de que o processo de alfabetização ultrapassa a simples definição de ensinar a ler e a escrever. A alfabetização é um processo histórico-social, e multifacetado como explica Magda Soares (2004) ao dizer que a alfabetização se apresenta em diferentes dimensões ou facetas, onde a aprendizagem inicial da língua escrita tem várias metodologias, mas que sejam antes avaliada e contextualizada com a situação de aprendizagem em que se encontram os alunos.

Portanto a presente pesquisa nos convida a pensarmos o processo de alfabetização com outros olhares, no sentido de reconhecer que é um período crucial na fase educacional do indivíduo, que requer muito empenho e conhecimento por parte dos professores para que sejam capazes de realizarem práticas que levem o aluno a abstrair, aprender, interagir, despertar as potencialidades que cada criança trás consigo.

Foi um estudo que nos possibilitou compreender mais de perto o que ocorre em determinadas escolas e especificamente na turma de alfabetização, o que o professor vivencia no seu cotidiano e como se caracteriza a sua prática docente, o que as crianças demonstram de dificuldades na aprendizagem, o contexto escolar, ou seja, muitos aspectos importantes para a análise da situação em que se encontram a educação das crianças nas escolas brasileiras em pleno século XXI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, Miguel Gonzalez. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- AZENHA, Maria da Graça. **Construtivismo: de Piaget e Emilia Ferreiro**. 8ª edição. São Paulo: Ática, 2006.
- AZEVEDO, Ana Maria Lourenço de. **Alfabetização: o discurso e a prática do professor no cotidiano escolar**. Guarapari- ES: Editora Ex Libris, 2009.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. **Formação continuada dos professores e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 1996.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto, 1994.
- COLELLO, Silvia Mattos Gasparian. **Alfabetização em questão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- CAGLIAI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bí-bó-bú**. São Paulo: Scipione, 1998.
- DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. In: **Cadernos de Pesquisa nº 115**. São Paulo, março de 2002. Disponível em: < [www..scielo.gov.br](http://www.scielo.gov.br)> Acesso em julho de 2013.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1993.
- FEDRIZZI, B. A. Organização em pátios escolares grandes e pequenos. In V. Del Rio, C. R. Duarte & P. A. Rheingantz (Orgs.). **Projeto do lugar: colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / PROARQ, 2002.
- FONSECA, Eronides Borges da. O esporte como fator de desenvolvimento e de saúde mental na criança e no adolescente. In: **Revista Brasileira de Medicina do Esporte vol. 3 nº3**. Niterói, Jul./Set. 1997. Disponível em: < [www..scielo.gov.br](http://www.scielo.gov.br) > acesso em julho de 2014.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- KRAMER, Sonia. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2006.
- LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. 10ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.
- LIMA, M. M. S. **A cidade e a criança**. São Paulo: Nobel, 1989.
- LUCK, Heloísa. **A gestão participativa na escola**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2010.

SZYMANSKI, Heloisa (org.); ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; BRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. **A Entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

TEBEROSKY, Ana. Debater e opinar estimulam a leitura e a escrita. **Nova Escola** (online) - Entrevista. Novembro de 2005.

ANEXO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

PESQUISA DE CAMPO:
ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA
COM A PROFESSORA DA TURMA DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL DA E.M.E.F LAURO ROCHA DE ANDRADE

Aluno(a): Mariana Bispo de Jesus

ORIENTADORO(a): Profa. Dra. Sônia Meire
Santos Azevedo de Jesus

São Cristovão/SE
2013

Entrevistador(a): Mariana Bispo de Jesus (estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, período 2013.1)

Entrevistado(a): Silva (professora da E.M.E.F Lauro Rocha de Andrade)

Escola: E.M.E.F Lauro Rocha de Andrade

Local: Rua Jose Prado Barreto nº 460, bairro Rosa Elze, São Cristóvão/SE

Data: 02/08/2013

Horário: 15:20

Duração: 9 min e 21 segundos.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

M: Boa tarde Professora!

M: Sou Mariana Bispo, estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe e estou fazendo esta entrevista com a senhora para servir como fonte de minha pesquisa para a monografia, orientada pela professora doutora Silvana Bretas, Departamento de Educação.

S: Boa tarde Mariana!

M: Professora, qual o seu nome completo?

S: ...

M: Qual a sua formação?

S: Sou pedagoga, especializada em prática e docência do Ensino Fundamental.

M: A quanto tempo ensina na turma de alfabetização?

S: Esse é meu primeiro ano na turma de alfabetização.

M: Para a senhora o que é alfabetizar?

S: Pra mim alfabetizar é fazer com o que o aluno entenda, tenha entendimento da escrita e da leitura. Não só decifrar códigos, mas ele precisa entender o que ele tá lendo, o que ta escrevendo, e também organizar as suas idéias de forma oral e também escrita.

M: Então professora, nunca lecionou numa turma de alfabetização? Essa é sua primeira experiência?

S: já, mas faz muito tempo, foi logo no início da minha carreira. Eu já tenho 28 anos de estrada, então, faz muito tempo.

M: Quais os métodos utiliza para alfabetizar seus alunos?

S: A nossa escola está seguindo uma linha mais voltada para o construtivismo, orientada pelo programa do PNAIC, que é o programa de alfabetização na idade certa, o pacto.

M: Você acha que tem apresentado resultados?

S: Eu tenho gostado!

M: Podemos dizer que existe um método eficaz de alfabetização?

S: Não, porque nem todos os alunos são iguais, um método funciona pra um, pode não funcionar pra outro. Tem um método que dá certo com a maioria, esse eu acho bom, a maioria dos alunos, eles conseguem avançar, mas tem aqueles que sempre tem um pouco mais de dificuldade e a gente tem que buscar outros meios, outros métodos.

M: O que considera importante para alfabetizar seus alunos?

S: Há tanta coisa que é importante! Um espaço bom, material adequado, a gente como professor também tem que tá sempre planejando, buscando novas dinâmicas pra não deixar cair na rotina.

M: E considera sua aula dinâmica?

S: Eu procuro né! fazer o possível, eu faço o possível dentro do que tá assim, da minha criatividade, do que a escola me oferece como material, mas sempre fico assim com aquela impressão de que poderia fazer mais.

M: Prioriza atividades individuais ou coletivas?

S: Eu prefiro as coletivas!

M: Por que professora?

S: Porque além de socializar mais as crianças, acostumarem elas a essa ambiente escolar, que a maioria delas não vieram de nenhuma, ou que não passaram, ainda não passaram pela escola, eles também aprende a se ajudar, dividir, e eu acho isso muito importante.

M: O Perfil do seus alunos, são de famílias carentes, a estrutura socioeconômica?

S: Eles são extremamente carentes, muito carentes.

M: Como avalia o material didático que utiliza?

S: Se forem os livros!

M: Os livros.

S: É um material razoável, não chega a ser excelente porque assim é uma realidade diferente, mas dá para aproveitar muita coisa.

M: Qual o método de avaliação?

S: Eu entendo que o método de avaliação ele é processual, não se dá só numa prova escrita, eu costumo avaliar meu aluno no decorrer do curso, na participação das atividades, como eles se desenvolvem, como se relacionam, principalmente eles que são pequenos e estão chegando agora na escola.

M: E seguindo o sistema da escola, a avaliação deles é semestral ou bimestral?

S: Bimestral, avaliação Bimestral.

M: Falando das dificuldades de aprendizagem da criança, quais as maiores dificuldades que a senhora encontra para realizar o seu trabalho?

S: As dificuldades são muitas, o acompanhamento dos pais que eles não tem, a estrutura física da escola, e assim, o material didático-pedagógico a gente não tem nenhum, então, são muitas as dificuldades que a gente enfrenta.

M: E quando identifica que um aluno apresenta dificuldades na aprendizagem, o que faz para melhorar seu desempenho?

S: quando a gente percebe que um aluno não tá dando resultado com aquele método que a gente tá usando, procura fazer um trabalho diferenciado com esse aluno, às vezes a gente não faz o trabalho que gostaria de fazer por conta da quantidade de aluno que a gente tem e também porque a falta de material é grande, mas procura dar uma atenção diferenciada a esse aluno.

M: Observando o contexto em sala de aula, o que o educador precisa para melhor trabalhar com seus alunos em dificuldades na aprendizagem?

S: Ter boa vontade em primeiro lugar né , é perceber que o aluno tá tendo dificuldade e ele precisa se planejar pra esse aluno que está tendo dificuldade.

M: Como considera sua relação professor-aluno?

S: Eu considero boa, gosto muito da minha turma!

M: É uma turma difícil pra você ou tranquila?

S: Pra mim é tranquila, sempre tem aqueles alunos que dão um pouquinho mais de trabalho, mas é natural, pra mim é tranquila.

M: Na sua opinião, a gestão da escola demonstra preocupação frente as dificuldades que são apresentadas por eles, pelos alunos?

S: Não tanto quanto eu gostaria! às vezes a gente se sente muito só, a escola é pequena, coordenador acabou de chegar, ainda está tomando pé da situação, e às vezes você se depara com algumas situações em que você tem que resolver sozinho, quando seria necessário um acompanhamento maior da gestão da escola.

M: Agora falando dos pais. Os pais tem demonstrado incentivo e participação na aprendizagem dos filhos?

S: Muito pouco! Alguns se preocupa, só que a grande maioria acham que a escola é só para deixar os filhos lá, principalmente esses pequenos.

M: E a escola promove eventos para os pais, eles participam?

S: Fazem algumas comemorações, de dia dos pais, festas juninas, dia das mães, a escola faz reunião de pais também, eles costumam comparecer.

M: A senhora participa aos pais que o filho apresenta dificuldade na aprendizagem?

S: Quando a gente chama que eles comparecem a escola, porque tem aqueles que a gente chama, chama, chama, e termina o ano e a gente não sabe nem quem é.

M: Essa situação é com muitos alunos ou poucos? Dos pais não virem à escola, chamar e não vir também?

M: alguns, não são todos não! Não chega a ser a maioria não, é uma minoria!

M: A senhora acha que a falta de um ambiente apropriado para a alfabetização, uma sala de aula bem estruturada, interfere na aprendizagem dos alunos?

S: Bastante! São condições que ia facilitar o trabalho, e a gente não tem essas condições! Essa escola mesmo, com essas carteiras horríveis! Não tem como! eles não conseguem nem se arrumar na carteira.

M: Carteiras inadequadas para a idade?

S: carteiras inadequadas, são carteiras universitárias, quando no caso deles, deveriam ser mesas.

M: E finalizando, como avalia a estrutura dessa escola para as suas condições de trabalho?

S: Péssima! A estrutura da escola é horrível! Banheiros do lado de fora da escola, quando chove fica tudo alagado, os meninos não tem como frequentar o banheiro, o telhado cheio de goteiras, salas horríveis! Tudo feio, muito feio! Não é um ambiente que atrai a criança, de jeito nenhum!

M: Muito Obrigado Professora! Por concluirmos essa entrevista, muito importante, estudar essa fase da criança na alfabetização, compreender essas dificuldades na aprendizagem.

M: A senhora quer deixar alguma consideração?

S: Não, tudo bem já por mim!

M: Obrigada Professora!

S: Por nada! Estamos aqui, qualquer coisa que você precisar!